

CRESCA COMO PROFISSIONAL

por Cristina Tavares Correia

Artigo publicado na Revista Activa, n.º 195, Fevereiro de 2007

Dê passos de gigante para começar uma nova fase profissional, seja como empresária ou no seu emprego de sempre.

Há alturas em que analisamos a nossa vida profissional e tudo parece estagnado e a precisar de uma reviravolta. Como sentir de novo a paixão e motivação iniciais quando estamos na mesma função de sempre? A mudança tem de começar na atitude, garante Claus Moller, um guru na gestão que desenvolveu um conceito para formar empregados de qualidade, felizes e motivados para fazer a sua empresa lucrar. Chamou-lhe *employeeship*.

Seja uma funcionária cinco estrelas

Ricardo Vargas, director-geral da TMI Portugal, a consultora de recursos humanos fundada por Claus Moller, explica-nos de que se trata: “*Employeeship* significa tudo o que é preciso para ser um bom empregado em qualquer empresa.” E tudo o que é preciso são três atitudes fundamentais: responsabilidade, lealdade e ter iniciativa. O segredo está em seguir algumas ideias-chave:

O sucesso só depende de si * Está na altura de fazer um balanço profissional: está feliz nas suas funções? “Se estou numa empresa a exercer funções com as quais não me identifico, estou a gerar a

minha própria infelicidade profissional”, observa Ricardo Vargas. “A maior parte das pessoas está à espera que as coisas mudem pela acção de outros. Devemos pôr foco em nós, perceber que o sucesso da vida pessoal e profissional só está nas nossas mãos.” Comece por pensar qual poderá ser o seu papel no sucesso futuro da empresa em vez de procurar culpados, aconselha Ricardo Vargas.

Ponha as emoções a trabalhar em seu proveito * O sucesso requer mais que um currículo cinco estrelas. É necessário ser emocionalmente inteligente. “Devemos ser capazes de identificar emoções e utilizá-las de forma adequada, a nosso favor. Se sou

Está a dar o seu melhor?

A consultora de recursos humanos TMI estudou centenas de empresas europeias e chegou a uma interessante conclusão sobre as atitudes dos empregados.

- **75%** dos funcionários assume que **não dá** o seu melhor.
- **25%** diz estar a dar **o seu melhor**.
- **10%** procura **outro emprego** sem que ninguém saiba.

uma pessoa explosiva, sempre que tenho um problema digo coisas de que me vou arrepender e as minhas competências técnicas, por melhores que sejam, não vão ajudar”, explica Ricardo Vargas. “Tenho ainda que ser capaz de me auto motivar, persistir, resistir à frustração e ter empatia para identificar e conseguir lidar com as emoções dos outros. Isto não nos é ensinado na escola. “Não se ensina na escola, mas pode ser treinado – a própria TMI tem um programa neste sentido. “A inteligência emocional explica o nosso sucesso na vida. As pessoas prezam sucesso na vida. As pessoas prezam demasiado a racionalidade e esquecem o papel da intuição”.

Esteja preparada para mudanças * Que competências a distinguem da restante concorrência no mercado de trabalho? Identifique essas competências, melhore-as e seja única naquilo que faz. Isso requer capacidade de adaptação. Aquilo a que nós chamamos ‘carreira’ já não existe”, diz Ricardo Vargas. “No futuro, as pessoas estarão muito menos preocupadas com a evolução linear da sua carreira e mais em melhorar as suas competências profissionais e torná-las mais competitivas no mercado de trabalho.”

Deixe-se conquistar pelo trabalho em equipa * O Figo e o Cristiano Ronaldo não conseguem marcar golos sozinhos, por mais extraordinários que sejam. Em equipa, todos trabalham para o mesmo, todos se motivam uns aos outros, mas também deveriam exercer pressão uns sobre os outros para obterem resultados.

“Se um jogador do nosso clube não tem, continuamente, uma boa prestação, dizemos que não tem lugar na equipa. Mas se o mesmo acontecer na nossa equipa de trabalho, ninguém faz o mesmo!”, observa Ricardo Vargas. É

preciso ser exigente e pôr os interesses colectivos acima dos individuais.

Sinta orgulho no seu trabalho * “Faça bem ou faça mal, o salário ao fim do mês é o mesmo”: Quem assim pensa demonstra alguma falta de auto-estima profissional, um sentimento de impotência para alterar o rumo das coisas. É por isso que Claus Moller tem uma máxima: “qualidade cria auto-estima e auto-estima cria qualidade”. E, para ilustrar conta o que aconteceu quando começou a trabalhar como embalador de compras num supermercado para pagar os estudos superiores. “Num serviço de assistência ao cliente como esse, devia assegurar que os clientes voltavam ao supermercado. Pensei que, se fosse um super embalador em vez de um embalador medíocre, era mais fácil, um dia, vir a ter o meu próprio supermercado, mas hoje é o dono de uma multinacional...”

Quebre o ciclo de ‘más vibrações’ * “Reparámos que, quando as pessoas não dão o seu melhor, não têm orgulho no que fazem, vão para casa cansadas, dizem mal da empresa onde trabalham, arruinam as suas vidas privadas e, quando regressam ao trabalho, criam frustração. É um ciclo vicioso”, diz Moller à revista mexicana ‘Reforma’.

Exija formação profissional de qualidade * “Ir até ao gabinete do chefe e pedir formação profissional pode ser uma das suas melhores decisões”, observa Ricardo Vargas. “Muitas pessoas ainda chegam às salas de formação com uma atitude negativa: ‘O que é que eu não estou a fazer bem, que ainda preciso de aprender?’ A formação é vista como uma punição.” Mas num mundo competitivo, quem não mostra vontade de reciclar conhecimentos fica para trás. “Deveria ser uma exigência de cada colaborador!” A abordagem ao gabinete

do chefe deveria ser: “Eu faço o meu melhor, mas quero continuar a evoluir e, para tal, preciso de formação.”

De empregada a patroa

E se tal o ‘abanão’ de que precisa estiver numa mudança radical de carreira? Abrir um negócio e ser patroa de si própria pode ser a solução. Segundo um relatório da Comissão Europeia sobre mulheres empreendedoras, as europeias criam mais pequenas empresas e estas são viáveis financeiramente do que as criadas por homens. Mas o número de empresárias continua a estar muito abaixo da média masculina.

Mónica Traça, 32 anos, resolveu arriscar e contrariar as estatísticas. Licenciada em Ciências da Comunicação e com um mestrado em Jornalismo internacional tirado em Londres, foi jornalista durante seis anos e foi promovida a editora. “Sentia-me feliz, mas, a certa altura, achei que estava a deixar de ter vida pessoal. A minha equipa de trabalho também começou a desmoronar-se.” Há nove meses demitiu-se e decidiu abrir, com o irmão, uma empresa ligada à estética. Garante que nunca teve o culto da imagem e que este não era um sonho antigo, mas tinha amigos a trabalhar na área e sabia que poderia ser rentável. Reuniu informação sobre o mercado, mandou-a para um amigo economista analisar e, após um parecer positivo, abriu com o irmão uma loja no seixal em regime de *franchising*. Este modelo de empresa tem vantagens: a marca fornece o material, dá formação e monta a estrutura da loja. Mas há sempre um investimento inicial de capital a fazer por parte do ‘franchisado’.

Mónica não se limitou a gerir; fez um curso de esteticista e hoje exerce

juntamente com as suas três colaboradoras. Trabalha mais horas por dia do que no jornalismo e muitas vezes nem consegue tirar folga. “A vida pessoal continua a sair lesada. Há muitas preocupações agora, um investimento monetário e humano a considerar. A minha vida passou a ter uma hiperactividade ainda maior, mas dá um grande gozo. As decisões agora são minhas.”

Num país onde o estatuto de ‘doutor’ é glorificado, passar de jornalista a esteticista ainda é visto com algum preconceito. “Toda a gente se queixa da crise, mas ninguém faz nada para mudar. É claro que o panorama económico é mau, mas não me ia mandar para baixo. Estou numa fase da vida que me permite arriscar, mas, se tivesse 40 anos, acho que o faria à mesma”, diz Mónica, confiante.